

## **O CLÃ e a Província: O papel dos periódicos literários e culturais na formação da identidade coletiva de um grupo de escritores cearenses (1930-1950)**

Plauto Daniel Santos Alves

Beatriz Rodrigues

### **Resumo**

*Este artigo reflete sobre o papel catalisador exercido pela Revista CLÃ no processo de formação identitário do coletivo que a publicou. Para tanto se vale do exame de argumentos recorrentes em discursos, escritos e memórias, analisados através de conceitos que são próprios à história dos intelectuais em congruência com apontamentos esparsos voltados ao estudo dos grupos culturais, produzidos pelo crítico Raymond Williams. Ao se deter sobre a experiência de escritores sem grande notoriedade, esse trabalho objetiva contribuir para diversificar as percepções relativas à experiência intelectual. Pôde-se perceber que a sociabilidade do grupo em questão configurou aspectos geracionais, organizados em função de sensibilidades pautadas nas limitações de circulação de suas obras e em suas condições enquanto escritores profissionais. Os impressos possibilitaram a consolidação de sensibilidades e relações afetivas, ao mesmo tempo em que se estabeleceram como espaço de fermentação intelectual e lócus de uma política cultural impulsionada por sua identidade coletiva.*

### **Abstract**

*This article reflects upon the catalyst role played by the periodical CLÃ in the identity formation process of the collective of intellectuals who published it. In order to attain this, the article examines recurrent arguments in discourses, writings and memories, analyzed through concepts that are characteristic of these intellectuals' history, along with some sparse statements on the study of cultural groups by literary critic Raymond Williams. Focusing on the experience of writers without great notoriety, this paper aims to contribute towards the diversification of perceptions on intellectual experience. It was noticed that the sociability within the group configured generational aspects, organized around sensibilities grounded on the limited circulation of their works and their social condition as professional writers. The publications enabled the consolidation of sensibilities and affective relationships, while also establishing themselves as a space of intellectual fermentation and locus of cultural politics propelled by their collective identity.*

CLÃ é a alcunha que designa um conjunto de periódicos literários e culturais cujo corpus contabiliza um total de trinta edições e vinte e oito volumes, publicados em Fortaleza (CE) num intervalo pouco maior que quarenta anos (1946-1988) dentro de um raio de circulação de abrangência nacional, por um grupo de intelectuais tão associados a eles que, de modo recorrente, são designados pelo mesmo epíteto<sup>1</sup>. Com efeito, embora os elementos de coesão que permitiram aos integrantes dessa coletividade interagir entre si, não possam ser resumidos à produção dessa revista, o fato é que esse grupo cultural esteve profundamente marcado por ela, principalmente no momento da consolidação de seu lugar na dinâmica intelectual cearense, uma vez que foi por meio de suas páginas que delimitaram e materializaram as características de uma identidade que até então se expressava por canais mais efêmeros e de menor amplitude.

Outro atributo marcante na formação da identidade coletiva desse grupo é o fato de que suas carreiras estiveram, em sua grande maioria, relegadas a um papel discreto na cena nacional. Longe de provocar constrangimento, essa característica não deslegitima os objetivos dessa análise, pois, a atenção ao conjunto de intelectuais “que se encontram enraizados de tal maneira como produtores em zonas demasiado marginais de seus campos” que se torna improvável, quando não mesmo impossível, que adquiram “um capital de visibilidade” válido “em espaços centrais de poder”, faz emergir uma “variedade de condições, posições e modos de operar que não respondem, [...] ao perfil de intelectual habitual, e que, ainda sim, cabem perfeitamente na figura ampla do produtor cultural” (Martinez, 2013, p.172). Desse modo, a análise do grupo em questão pode contribuir, mesmo que de modo sucinto, à diversidade de cores que compõem o quadro atual do consenso historiográfico relativo à experiência intelectual brasileira.

Nesse intuito parece pertinente retomar determinado trabalho publicado no início dos anos 1980, pelo crítico literário Raymond Williams, no qual ele constatava que, embora o papel dos grupos culturais nos séculos XIX e XX constituísse um tema cuja importância era inquestionável, tanto no que diz respeito às suas conquistas, quanto naquilo “que seus modos de realização podem nos contar sobre as sociedades mais amplas com as quais eles mantêm relações incertas”, disciplinas como a história e a sociologia não se mostravam “à vontade” no trato com esse tipo de fenômeno uma vez que, o “grupo, o movimento, o círculo, a tendência”, aparentavam ser demasiado “marginais, pequenos ou efêmeros para exigir” esforços notáveis dessas disciplinas (2011, p.202).

Menos de uma década depois, ao avaliar o status acadêmico de análises como as que estão em questão, o historiador francês Jean François Sirinelli constituía quadro relativamente diverso. Em sua opinião, a despeito de tais objetos constituírem “grupos sociais de contornos vagos” – o que em épocas anteriores implicaria quase que certamente em um movimento de rejeição, dado ser essa a expectativa reservada a eles numa fase “em

---

<sup>1</sup> Para uma breve introdução à vida letrada cearense no final do século XIX consultar: Olivera (in Souza e Neves, 2002). Ainda dentro do âmbito do assunto anterior, ver também Cardoso (2002). Sobre o Grupo CLÃ, consultar Farias (2003) e Linhares (2018).

que a história, mesmo cultural, devia ser serial ou não podia aspirar a uma verdadeira dignidade científica” – estudar um coletivo “estatisticamente limitado não era mais obrigatoriamente considerado um empreendimento duvidoso” (in Rémond, 2003, p.234-238).

É verdade que as considerações de Sirinelli apontam para um quadro distinto daquele analisado por Williams, estando direcionadas à experiência francesa e a determinado rol de atuação “situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”, ou seja, à história dos intelectuais. Não obstante, como se argumentará aqui, algumas ponderações do crítico literário, sobretudo aquelas de caráter metodológico, permanecem pertinentes e encontram convergência com a gama de estudos supracitada e com os objetivos desse artigo.

No que diz respeito especificamente à singularidade dos periódicos culturais enquanto fonte historiográfica é possível recuperar uma parcela das reflexões de Tânia de Luca, para quem o trabalho com esse tipo de documento, no lugar de isolar determinado aspecto tratado e retomá-lo como representativo de um processo histórico externo à revista, deve se pautar, pela circunscrição dos materiais reproduzidos em seus lugares de inserção, dando conta, desse modo, de uma percepção da realidade que, por sua vez, está situada em debates ecoantes no restante da sociedade. Nesse sentido, nenhum material aqui tratado é encarado como inócuo, estando associados a determinados pontos de vista e condicionados por circunstâncias históricas – tais como o processo de consolidação da identidade do grupo em questão – uma vez que a escrita não é uma atividade neutra, envolve interesses, poderes e paixões (Luca, 2003, p.141).

Por fim, cabem breves alusões ao modo como o conceito de identidade é empregado no texto que se segue. Distanciando-se da ideia de uma “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente” que caracterizaria toda a trajetória intelectual dos integrantes do coletivo, esse artigo se pauta por uma noção flexível e fragmentada que objetiva por em destaque a “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” com as quais os sujeitos podem se “identificar [...] mesmo que temporariamente” (Hall, 2006, p.13). Desse modo, as revistas *CLÃ* não são encaradas como a culminância da elaboração de uma identidade latente, mas como o direcionamento de um processo de formação identitário no sentido de um conjunto particular de valores e concepções.

Em resumo, o que se ensaja neste trabalho é refletir, por meio da análise empírica de uma série de argumentos recorrentes em discursos, escritos e memórias, sobre o papel catalisador exercido pela Revista *CLÃ* no processo de formação da identidade desse conjunto de intelectuais, cotejando, em meio a esse expediente, a congruência e a legitimidade das reflexões de Williams, na medida em que estas se interseccionam com o campo da história dos intelectuais.

### **(In)definições**

As atividades do grupo de intelectuais mencionado constituem dimensão integrante e significativa das relações culturais que vicejaram no país durante o século XX. Ainda

assim, não se objetiva enquadrá-las em um movimento literário/estético mais abrangente, ou mesmo estabelecer uma nomenclatura para designá-los de modo definitivo, pois, conforme assinalou Jean-François Sirinelli, “os letrados sabem manejar o verbo” e “dar-lhes a palavra é expor-se a desempenhar o papel de caixa de ressonância de uma memória mais reconstruída que as vindas de outros meios” (in Sirinelli e Rioux, 1998, p.279). Com isso em mente, evitam-se atribuições que possam determinar um sentido absoluto e que conduzam a uma leitura pré-determinada dos materiais produzidos pelo coletivo, de modo a valorizar a diversidade de variações possíveis e as dinâmicas que perpassam a elaboração de sua identidade, marcada não somente pela união e o acordo, mas também por contradições e disputas.

No caso específico do grupo em estudo, sublinhar as disparidades internas parece especialmente pertinente uma vez que elas estão situadas às margens das narrativas que o caracterizam. Nesse sentido, diversos argumentos produzidos pelos próprios integrantes do coletivo, pautam-se pela noção de “espontaneidade”, ou seja, pela crença em um processo de formação “natural”, destituído de lideranças, de sistematicidade, ou de qualquer esforço aglutinador, como se pode notar, por exemplo, no relato de Fran Martins, mencionado por seus companheiros como uma das lideranças mais engajadas no que se refere ao estabelecimento de laços entre os escritores que chegaram a compor o coletivo:

De uma coisa estávamos certos: não tínhamos nenhuma intenção de criar um grupo, como acontecera com a Padaria Espiritual, ou a chamada Academia Francesa, ou como Centro literário. Não éramos, na verdade, criadores de movimento: éramos movimento, isto é, agíamos espontaneamente, [...], sobretudo, libertos de preconceitos ideológicos ou literários, cada um trabalhando em seu ofício segundo suas próprias tendências, sem o fato de, juntos, fazermos uma revista ou compormos uma associação que nos obrigassem a adotar atitudes que contrariassem, pelo mais íntimo que fosse, as nossas intenções... Daí o espanto que sempre tenho quando ouço falar em Grupo de CLÃ, em movimento de CLÃ e outras coisas que tais. Na verdade, se grupo houve, foi à margem de nossas ideias e atitudes, grupo nascido espontaneamente e que se caracteriza talvez pelo fato de, em determinado momento, termos existido, conversado, discutido, escrito. (Barroso, Rogério, Souza, 1981, p.15).

É interessante que esse argumento tenha sido proferido justamente por um dos intelectuais mais comprometidos com atividades de organização cultural e literária no universo sob análise. Apontado por alguns como o líder do coletivo, o escritor, jurista e advogado, Fran Martins, desde a juventude, investiu energia no fomento de atividades que congregassem a intelectualidade de sua geração, participando ativamente do Centro Estudantil Cearense (CEC), coordenando um congresso de escritores, estabelecendo uma política cultural para a região a partir da seção local do DIP cuja gestão lhe coube durante alguns anos e atuando como diretor de diversas edições da Revista CLÃ. Assim, a própria trajetória individual do sujeito histórico em destaque contradiz o sentido de seu relato.

Circunstância que, longe de corresponder a uma exceção, pode ser verificada na atuação de outros indivíduos, tal como é o caso de Moreira Campos, o qual, já idoso, concedeu o seguinte depoimento:

O grupo CLÃ surgiu com a mesma espontaneidade que a Escola Moça de Cultura [outra congregação intelectual local]. E é um grupo curiosíssimo. Criou-se por geração espontânea. Nunca tivemos uma sede. Nós nos reuníamos nos cafés. Nunca tivemos um estatuto, um regimento. Temos umas atas iniciais, deliciosas, escritas pelo Aloísio Medeiros, grande espírito. Só isso e os discursos que o Eduardo Campos e Antonio Girão Barroso andaram pronunciando inicialmente, um manifesto de Mário de Andrade do Ceará, para se fazer distinção de Mário de Andrade de São Paulo. Mas não seria necessária a distinção. Pois bem, nos reuníamos em torno de cafés. (Campos, in Barroso, et al. 1996, p.56-58).

Nesse caso, além do esquecimento dos momentos mais propriamente pautados pela sistemática e pela organização, o autor do relato faz questão também de apontar o sentimento de afeição mútua que perpassava a sociabilidade informal desses intelectuais, como se isso, de alguma maneira, inviabilizasse qualquer movimento de convergência perpetrado por lideranças internas ao coletivo. Expediente bastante semelhante ao do poeta Antônio Girão Barroso, também consorte do grupo, o qual, durante o I Congresso de Escritores Cearenses, realizado em 1946, refuta abertamente breve digressão realizada na fala de Barros Fontenele, na qual se apontou a existência de “igrejinhas” na cena literária local:

A respeito do problema “igrejinha” e também quanto ao problema dos “iniciados”, denominação que eu não aceito, não que eu me considere mais do que isso, mas porque lembra algo de esotérico, coisa de que eu não gosto, quero dizer o seguinte: não existem “igrejinhas” ou “igrejolas” no Ceará. Naturalmente, certas pessoas que se dão por qualquer motivo se agrupam em sociedade, mesmo em rodas de cafés, como acontece com um grupo aqui ao qual quis se referir o Sr. Barros Fontenele. Mas esses grupos tem uma formação tão espontânea e natural que não se pode absolutamente acusá-los de igrejas ou panelinhas como geralmente se diz. Quando comecei a lidar com letras no Ceará me lembro que tomei varias iniciativas, inclusive fazendo uma revista. Depois, espontaneamente, um pequeno grupo cresceu e hoje ele é precisamente o grupo que começou e está fazendo, com o apoio de outros grupos, este brilhante Congresso de Escritores que por si só mostra, como disse de inicio, que a tese do Sr. Barros Fontenele é contraditória. (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.207).

O argumento acima repousa sobre a crença tácita em uma abertura neutra a quaisquer indivíduos que demonstrassem razoável capacidade estética ou intelectual. Raciocínio este que, a despeito de constituir um dos elementos centrais à dinâmica identitária do coletivo, nem sempre se torna explícito. Talvez porque sua forma velada



produza resultados mais eficazes no que concerne ao estabelecimento do consenso em relação a outros grupos, pois, é certo que, apesar das invectivas de Antônio Girão Barroso nesse sentido, ele implica, efetivamente, em uma forma de distinção social. De todo modo, o ligeiro desentendimento aqui tratado, configurou fato suficiente para suscitar sua emergência em termos no comentário realizado, em meio à discussão, por Braga Montenegro, um dos organizadores do congresso em questão:

Mas sobre essa igreja dos iniciados, com Sr. Stenio Lopes, o Sr. Aluizio Medeiros, o Sr. Girão Barroso e outros, quero dizer que essa igreja tem a melhor das boas vontades com todo intelectual que tenha de fato talento. A igreja, me parece, tem um serio senso de critica. (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.206).

Independente de configurar ou não, nesse momento, uma noção hegemônica entre os integrantes do coletivo (discussão a ser retomada mais à frente), a presunção da existência de atributos puramente intelectuais – ou seja, isoláveis das tendências sociais e políticas –, os quais supostamente possibilitavam estabelecer o “talento” literário, estético ou cultural como critério regulador do trato entre os sujeitos, posteriormente tornou-se central na forma de conceber a conduta dos integrantes do grupo, como se percebe no depoimento abaixo, realizado por Mozart Soriano, numa edição da Revista *CLÃ* voltada à compilação de narrativas relativas à gênese do movimento:

[...] o Grupo Clã foi um movimento de convivência de contrários, havendo nele líderes católicos e militantes comunistas, liberais de centro e socialistas moderados, todos preocupados primordialmente com o fenômeno literário, postas de lado todas as querelas políticas. Não tendo marca ideológica, ao contrário do que vêm sucedendo com outros movimentos [...]. (Barroso, Rogério, Souza, 1981, p.13).

### **Microclimas e Estruturas de Sentimento**

Os relatos e casos expostos apresentam diversas temáticas familiares à história dos intelectuais, campo acostumado a pôr em destaque as redes de sociabilidade e afeição cujas dinâmicas permitem entrever, como no caso em estudo, tanto a “atração e a amizade” dos encontros lúdicos e informais, realizados em bares e cafés quanto “a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor” (Sirinelli In Rémond, 2003, p.250) que motivam o comportamento daqueles que se sentem prejudicados ou excluídos pela presença da coletividade.

Dito isso, torna-se pertinente retomar Raymond Williams que, ao analisar o grupo cultural conhecido como Círculo de Bloomsbury, estabeleceu afinidades com o tópico em discussão, ao afirmar que coletivos intelectuais cujas dinâmicas internas não estavam regidas por estatutos ou referências documentais, não configuram um fato excepcional na história da cultura dos séculos XIX e XX, pelo contrário, seria freqüente que sua constituição

e desenvolvimento se desse à maneira de um “grupo de amigos” (2011, p.203). Para o autor, nessas circunstâncias:

O que temos então de nos perguntar é se algumas ideias ou atividades partilhadas foram elementos de sua amizade, contribuindo diretamente para sua formação e distinção enquanto um grupo e, indo além, se havia qualquer elemento na maneira como eles se tornaram amigos que aponta para fatores sociais e culturais mais amplos. (Williams, 2011, p.203).

Desse modo, em consonância com o crítico literário, parece adequado refletir sobre os laços de afeição que originaram o pequeno grupo de produtores culturais em análise, dentro dos desenvolvimentos de uma história social e política cuja amplitude abrange necessariamente “relações de classe” e de “educação bastante gerais” (Williams, 2011, p. 204). Pois, se houve convívio entre esses intelectuais – por mais terno, honesto e dotado de camaradagem que tenha sido –, este não se deu à revelia de determinações, atuantes desde a permissão ou embargo à entrada e permanência em devidos espaços, até a proximidade de valores e ideias, o que, ao fim e ao cabo, poderia implicar na aceitação e reconhecimento dos pares.

Assim, pode-se começar a situar os rastros sociais desse grupo por sua formação estudantil, o que leva de modo muito convergente à Faculdade de Direito do Ceará. Tomando como referência listas produzidas por indivíduos que se afirmam integrantes da coletividade, encontram-se os seguintes nomes ocupando a condição de fundadores: Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso, Antônio Martins Filho, Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, José Stenio Lopes, Lúcia Fernandes Martins, Milton Dias, Moreira Campos, Mozart Soriano e Otacílio Colares. Alguns arrolamentos costumam acrescentar Joaquim Alves, outros adicionam colaboradores mais tardios como Pedro Paulo Montenegro, Durval Aires e Cláudio Martins<sup>2</sup>.

O fato é que, com base nos verbetes biográficos do *Dicionário da Literatura Cearense* (Girão & Souza, 1987), dos quatorze nomes citados acima, dez formaram-se naquela instituição entre o início e o fim da década de 1940. As exceções são Antonio Martins Filho, irmão de Fran Martins (caso que merece atenção, tanto pelo laço familiar, como por se tratar daquele que viria a ser o primeiro Reitor e o idealizador da Universidade Federal do Ceará), Lúcia Fernandes, esposa e companheira do mesmo, Stenio Lopes, formado em Filosofia pela Universidade Católica e Braga Montenegro, autodidata.

Ademais, esses indivíduos compartilhavam também da experiência da migração, visto que, salvo Aluizio Medeiros, todos haviam nascido em municípios do interior e mais tarde se estabeleceram na capital a fim de realizarem os estudos. Nessa condição, alguns, como os irmãos Cláudio e Fran Martins, realizavam suas refeições na Casa do Estudante

---

<sup>2</sup> Há, nesse sentido, a lista elaborada por Sânzio de Azevedo no livro *A literatura Cearense e a de Mauro Benevides*, constante no número 27 da Revista CLÁ.

Pobre do Ceará, espécie de residência estudantil vinculada, à época, a uma instituição de caráter autoritário e nacionalista afinada com ideais integralistas, o (CEC) Centro Estudantil Cearense (Ramalho, 1999, p.102).

A história do CEC se relaciona à trajetória de setores médios da sociedade cearense advindos do interior e socialmente emergentes na Fortaleza da década de 1930. As expectativas de ascensão social desses indivíduos se aliavam às noções de “modernização” (materializadas em novidades urbanas como o Cinema e os bondes) e a certa indiferença e, às vezes, declarada simpatia, em relação ao autoritarismo assumido por determinados grupos políticos atuantes no período. De certa maneira, a organização expressava uma resposta bastante efetiva às inquietações sociais vivenciadas por esse estrato, em especial à busca por integração nas “transformações sociais e políticas vividas pelo país” (Muniz; et. al., 2002, p.4) objetivo que ensejava ser realizado, sobretudo, mediante o acesso ao sistema educacional.

É na órbita dessa instituição que se promoveu a iniciação literária de lideranças importantes do que mais tarde comporia o que se chama de grupo CLÁ: Milton Dias, por exemplo, sagrou-se vencedor em concurso organizado pelo CEC, além disso, Moreira Campos, Antonio Girão Barroso e Fran Martins participaram da Escola Moça de Cultura, agremiação do Centro Estudantil que reunia tipos intelectualizados da cena juvenil. Saliente-se ainda que, estes dois últimos colaboraram ativamente com o corpo administrativo do aparato, atuando em cargos como o de Secretário e Tesoureiro (Campos, 1983, p.143). Nesse sentido, certo trecho de discurso, proferido durante o congresso de escritores mencionado, pode ser considerado bastante sintomático do alinhamento desses jovens com determinados valores conservadores e autoritários difusos naquele período:

Em 1937, um então terceiranista de direito encontra na Rua Major Facundo um então jornalista e hoje deputado federal. E este anuncia, o governo deu um golpe fascista e fechou o parlamento... E o jovem terceiranista de direito, cheio de fé e patriotismo, enche o olhos de lágrimas, não lágrimas de tristeza, mas de alegria. Esta tese está sendo escrita com sangue vivo da minha sinceridade e eu a escrevi porque, ha dez anos, um terceiranista de direito apaixonado pelas lições de Farias Brito, chorou de emoção e de contentamento porque a Democracia havia sido apunhalada por um grupo de reacionarios, pelas voltas de 1937... (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.112).

Na época em que enunciou a confissão acima (setembro de 1946), Moacir Aguiar afirmava alimentar sentimento de apostasia e arrependimento em relação às suas escolhas políticas de mocidade. De fato, a aliança brasileira com os países “democráticos”, seguida pela derrota dos integrantes do “Eixo”, parece ter produzido um efeito negativo no que diz respeito à popularidade dos ideais e princípios autoritários ativos nos anos de juventude dos intelectuais que compuseram o grupo sob análise. Com efeito, o despontar do conflito configurou estopim para que alguns dentre eles organizassem, como forma de protesto, um



congresso de poesia cuja concretização se daria apenas no ano de 1942. Além disso, a correlação entre seu término e a queda do regime estadonovista ainda motivou a deflagração de outro certame, o I Congresso de Escritores Cearenses, realizado em 1946, no qual, dentre as agendas, constava a discussão do papel do intelectual em um mundo democrático.

Em seus aspectos mais gerais, esse conjunto de experiências coletivas parece configurar o tipo de fenômeno que Sirinelli caracteriza por meio do recurso ao conceito de “geração”, ou seja, uma série de solidariedades constituídas também, mas não somente, com base em laços etários cuja conexão pode estar relacionada a um “acontecimento fundador”. Para além de um marco objetivo, decisivo e válido para a totalidade das trajetórias envolvidas, essa noção envolve questões referentes à elaboração de uma “memória coletiva” (in Rémond, 2003, p.254 e 255), sempre entremeada pela pluralidade de discursos e tensões que perpassam a escolha de tais balizas temporais, o que impõe “uma pergunta essencial: a quem precisamente dar a palavra?” (Sirinelli In Sirinelli & Rioux, 1998 p.279).

Nesse sentido há diversas versões as quais se poderia recorrer para embasar esse argumento: Eduardo Campos (1996), em discurso pronunciado no Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará, ao estabelecer a gênese do grupo CLÃ, remeteu à liderança de Fran Martins e à realização do I Congresso de Escritores Cearenses; por outro lado, em seu *Resumo da História Literária Cearense (CLÃ, 1957, p. 47-56)*, o escritor Braga Montenegro traça afinidades entre a “imensa perplexidade” acarretada pela deflagração da II Guerra Mundial e a origem do coletivo; por sua vez, Sânzio de Azevedo (1996, p.428) retoma este último enfatizando a centralidade do Congresso de Poesia. Poder-se-ia mencionar também outras referências como a Cooperativa de Letras e Artes, As Edições CLÃ, a ABDE – seção Ceará etc.

Ademais, a experiência geracional implica também o estabelecimento de uma “herança” relativa ao legado, ou à conduta dos intelectuais precedentes, de maneira que os atores sociais impactados conseqüentemente se definem através dela, ou como sucessores, ou sob o prisma da ruptura (Sirinelli, in Rémond, 2003, p.254 e 255). No que concerne a um grupo que estabeleceu como bandeira o consenso e a conciliação dos opostos, não é de causar espanto que, no geral, a sua conduta geracional esteja marcada pelo sentimento de continuidade em relação às obras de seus predecessores:

Aqui estamos reunidos representando todo o Estado – velhos e moços, da capital e do interior, poetas e prosadores, antigos e modernos. Pela primeira vez o Ceará inteiro se congrega para um conclave que há demarcar uma nova fase na nossa vida literária. O milagre da confraternização se operou, os corações de todos se abriram e a união de esforços fez com que os nossos espíritos se unificassem neste empreendimento. Desapareceram as barreiras que separavam velhas correntes, aqui somos um todo, uma só alma, um só corpo. (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.20).

É também sublinhando esse sentido que o crítico literário Dolor Barreira, àquela altura uma figura há muito assentada na cena local cearense, define os organizadores do congresso de 1946, do qual ele também participava à época, como “novos” escritores cujas vidas, tanto serviam de testemunha, como promoviam a “renascença literária” cujo furor removia “as letras da espécie de modorra que as quebrantara dos modernistas para cá” (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p. 30). Mais significativo ainda para os objetivos desse artigo, é o tom fatalista e sentimental utilizado por ele para compor quadro geral da história literária cearense:

[...] que ninguém se admire ou surpreenda porque – como algures fiz sentir – sem embargo da pobreza do seu povo e do empenho deste na aflictiva conquista do pão de cada dia, as letras, no Ceará – sempre na vanguarda delas, – têm sido, em todos os tempos, preocupação absorvente e constante, tendo exuberante e ininterrompidamente florescido, através das mais decisivas manifestações de caráter coletivo, como individual. (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.29).

Essa postura de condescendência ante a pobreza local está entranhada a tal ponto que passa a ser concebida sob a forma de um elemento transhistórico, sempre presente, independente das atitudes que se estabeleçam em relação ao problema. Esse modo de vivenciar o mundo, ao mesmo tempo embasado em um sentimento e em uma posição política, caracteriza o que Sirinelli define como um “microclima”, uma esfera própria ao estudo das relações humanas, que perpassa os laços de amizade dos atores sociais e na qual “se interpenetram o afetivo e o ideológico” dando conta tanto da coesão política, como das sensibilidades, vivenciadas por determinadas coletividades (Sirinelli, in Rémond, 2003, p. 250-253).

No seu bojo, a noção de “microclima” guarda semelhanças inusitadas com a “hipótese cultural” que Williams designa por meio da menção ao conceito de “estruturas de sentimentos”, termo que corresponde a determinados rudimentos “especificamente afetivos da consciência e das relações” humanas cuja expressão não se encontra plenamente articulada e definida, muito embora, componham parte integrante de uma experiência geracional, ou relativa a todo um período (WILLIAMS, 1979, p.134). Porém, isso não significa afirmar que todos os indivíduos de uma comunidade compartilhem esses sentimentos e experiências da mesma maneira, apesar de que nas sociedades contemporâneas, eles se tornam mais abrangentes, pois, as situações de comunicação se tornam dependentes da posse de tais significados (WILLIAMS, 1961, p.65).

Nesse sentido, esse trabalho se depara com uma superposição conceitual que possibilita afirmar que elementos, como o fatalismo condescendente presente no discurso de Dolor Barreira, a tendência ao convívio tolerante frente às discordâncias ideológicas e a separação do mérito estético de questões políticas e sociais, são tanto parte integrante da “estrutura de sentimentos” ativa no processo de formação da geração em questão, como

configuram o “microclima” que transpassa suas sociabilidades.

Tendo em mente essas referências, pode-se então avaliar os “efeitos da posição [social] relativa” (WILLIAMS, 2011, p.204) vivenciada por esses jovens de classe média baixa, recém-chegados à Fortaleza dos anos 30, timidamente instalados na Casa do Estudante, tecendo laços de amizade e intimidade em bares e cafés, confessando mais tarde o gosto literário aos colegas e ainda, também, descobrindo no pensamento autoritário marcante no movimento estudantil do período, o tom de sua conexão com a ordem social daqueles anos radicalmente caracterizados pela polarização política. Em face disso, o engajamento nos estudos e em atividades intelectuais de certo modo, prometia-lhes um lugar de destaque na orientação da nação, ou pelo menos da região.

### **A “Classe” dos “Escritores de Província”**

Com base nessas coordenadas, cabe então reavaliar a noção de “geração espontânea” trazendo à tona “não apenas as ideias e atividades manifestas, mas também as posições [...] que estão implícitas e mesmo tomadas como certas” pela coletividade, a fim de evitar compor uma análise “interna e circular” restrita “às definições e perspectivas” produzidas pelo grupo. Nesse sentido, torna-se necessário salientar que “a espontaneidade” dos comportamentos informais vivenciados, fora decisiva para a formação de um sentimento de distinção entre os integrantes da rede de sociabilidade em questão. Ela é a raiz de “uma noção (uma autoestima) de que eram diferentes dos outros e, conseqüentemente” de “que os outros poderiam identificá-los como” um conjunto de pessoas à parte (WILLIAMS, 2011, p.203-204 e 207), pois uma vez que estes se supunham destituídos de embaraços ideológicos, familiares ou financeiros, o critério de diferenciação que os unia era tão somente o mérito ou, a aptidão artística e intelectual.

No limite, isto implicava na ideia de uma condição comum aos escritores cearenses, o que os autorizava a agir como classe autônoma, dotada, portanto, de ideologias e interesses próprios, tema exaustivamente discutido durante o outrora mencionado, I Congresso de Escritores Cearenses, como se percebe já na *Nota prévia* escrita por Fran Martins a fim de introduzir o leitor aos anais do conclave:

Uma tarde em princípio de julho, reunidos no salão nobre do Instituto do Ceará, realizávamos a reunião costumeira da ABDE quando Antonio Girão Barroso [...], levantou a ideia de ser realizado no Ceará, um congresso de escritores. [...] E os que estavam presentes aquela nossa minguada reunião [...] imediatamente aprovaram a ideia lançada por Girão Barroso, desejosos de fazer também algo de novo entre nós, algo que modificasse um pouco a monótona paisagem intelectual da província, pondo-nos á frente com os problemas de uma classe que ainda é, de todas as classes, a mais sacrificada e a mais esquecida. (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.3).

Intrinsecamente articulada à visão meritocrática da aptidão artística ou estética, essa

concepção da classe intelectual que a concebe também como parte integrante da classe trabalhadora, não implica num projeto de democratização da produção cultural, mas embasa suas percepções em uma concepção elitista da realidade assentada em uma metáfora de iluminação das massas invocada, por exemplo, pelo escritor Gastão Justa:

Em um Congresso de Escritores, pressupõe-se que uma das principais finalidades é a defesa da classe intelectual, da classe que orienta. Que forma opinião, que esclarece o povo e finalmente eleva a cultura nacional. (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p. 131).

No mesmo sentido, porém mais contundente na medida em que relaciona diretamente essa visão elitista do papel intelectual a uma realidade advinda das transformações vivenciadas em meados da década de 1940, pode se citar também o discurso de José Clímaco Bezerra:

Há idéias demais no mundo confundindo o homem, incapaz de estratificá-las convenientemente para um norte exato, prudente e eficaz. Qualquer noviço de ginásio, qualquer operário mais letrado, qualquer homem do povo quer ter a vaidade de ter idéias, quasi sempre superficiais, e se enchem de idéias alheias, às vezes não menos rasteiras, colhidas através do livro, do jornal, do rádio, da cátedra, das tertúlias mentais nos grêmios e associações e, sem poder combiná-las, nem aprofundá-las, para extrair delas o verdadeiro substracto, acabam indo na onda, como mariposas [...].

Teria sido a ausência desses escritores na vida política das nações a causa ou uma das causas principais dos extremismos e, já hoje, adianta ele, é possível e até necessário reuni-los em palestras livres da peia das intransigências. (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.261).

Por mais contraditório que possa parecer, ao término de sua interlocução, o romancista se sentiu à vontade o bastante para conclamar os colegas ali reunidos a “trabalharem de mãos dadas em bem da democracia legítima” (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.261). A situação toda, no entanto, é bastante sintomática do tipo de “missão” arrogada para si, por diversos intelectuais brasileiros atuantes durante o século XX, os quais, no geral, se sentiam impelidos a agir como referência para a maior parte da população, concebida como ignorante e manipulável (Pécaut, 1990). Não obstante, no que diz respeito ao congresso realizado em 1946, as diretrizes que deveriam orientar essa tarefa nunca chegam a se tornar explícitas. Com efeito, nas ocasiões em que se tornaram manifestos, os modos de agir e objetivos desse coletivo recaíram principalmente sobre sua própria condição:

[...] O escritor moderno, homem que sente, mais que qualquer outro, as angústias

inerentes ao torculo das necessidades coletivas e a agudeza dos complexos problemas internacionais e humanos, participando das crises e inquietações de todas as classes, não pode permanecer em esterilizante atitude contemplativa quanto aos seus legítimos direitos, até hoje postergados, assistindo de braços cruzados, num inoperante romantismo social, a retalhamento de sua própria classe. [...] Os espíritos marginais que fogem ao contato com os dramas ou problemas mais mezinho, estranharão, talvez, o nos batermos pelos nossos direitos, pois julgam eles, numa concepção burguesa, que os escritores devem levar vida sedentária, esperando que da Providência Divina venha o terceiro milagre da multiplicação dos pães. (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947, p.35).

O discurso de Eduardo Benevides deixa entrever aspecto tão significativo à coesão do coletivo que constitui uma das raras situações em que algum integrante do grupo expõe posições sociais e políticas inegociáveis cujos extremos levam até mesmo ao afronte direto com os escritores, ou indivíduos de modo geral, que ainda comungassem do ideal do literato “desinteressado”. Esse ponto é particularmente importante no que se refere ao ambiente letrado, pois, não obstante o fato de “que cada meio social segrega suas normas e suas hierarquias”, o meio intelectual se estabeleceu “como um dos mais capazes de impor as suas à sociedade produzindo assim um amplo curto-circuito à outra forma de reconhecimento” (Sirinelli In Sirinelli & Rioux, 1998, p.275-276).

Em função disso, cabe asseverar que a defesa dos interesses da classe intelectual é um dos valores fundamentais que regem a dinâmica das sociabilidades estabelecidas entre os atores sociais em destaque, de maneira que a centralidade desse princípio, somente poderia ser superada por uma forma variante e bastante particular dele mesmo, especializada às demandas da realidade local e, não por acaso, explicitada na *Nota Prévia* que introduz o leitor aos anais do Congresso de 1946:

Para os que estão habituados a grandes vitórias, para os que não vivem em meios pequeninos, sofrendo mil e uma dificuldades, para os que sempre tiveram facilidades e estímulos para as suas empresas, para esses quase nada representam estes anais. Mas os intelectuais de outras províncias do Brasil, os escritores desconhecidos que jamais tiveram apoio para suas realizações, os homens de letras que vegetam distantes da metrópole e sentem todo o peso da incompreensão para os seus trabalhos, êsses, que são a maioria dos intelectuais brasileiros, saberão estamos certos, porque tanto nos orgulhamos dessa realização, porque tanto ardor pomos em nossas palavras, porque tanto empenho temos em tornar publicas todas as fases dessa luta por um ideal que é nosso e é deles, que é de todos os homens de letras da província... (Anais do I Congresso Cearense de Escritores, 1947. p.5-6).

O trecho acima enovela de forma implícita noções políticas – como classe, (mérito) intelectual e coexistência das diferenças ideológicas – significativas para experiência geracional desse coletivo com valores mais especificamente ligados ao seu universo



emocional e afetivo, ao seu “microclima”, de forma que o mencionado sentimento de fatalismo condescendente ante a pobreza da região é realocado, passando a caracterizar a árdua sina dos “homens de letras da província”.

A noção de “intelectual/escritor de província” define os profissionais dedicados a esse intento, residentes em regiões distantes dos núcleos de poder político e marginalmente situadas no que diz respeito à dinâmica editorial. Ela gozou de certa importância durante o congresso, constituindo a primeira das pautas discutidas e uma das temáticas mais capazes de engajar os escritores envolvidos. Sobre certo viés, a Revista *CLÃ* representou uma forma de superar essa condição, promovendo a circulação dos conhecimentos e das produções artísticas elaboradas na região.

### **A Catalisação da Identidade**

As revistas *CLÃ* colaboraram para a catalisação de uma identidade coletiva cujos traços passavam por um processo de emergência e racionalização que se encontrava em desenvolvimento desde o I Congresso de Escritores Cearenses. Desse modo, por diversas maneiras que vão muito além do estabelecimento de um epíteto para se autodesignar, esse periódico acaba direcionando o grupo no sentido de valores que se encontravam relativamente difusos nas interações informais realizadas pelos escritores, como se pode notar, logo na sua primeira edição:

[...] admitindo de início o principio saudável do mais absoluto apartidarismo, não porque consideremos os Partidos males que devem ser afastados do nosso caminho, mas simplesmente porque não é justoque, numa revista feita por muitos, e diversas sendo as tendências políticas dos seus colaboradores, se defenda nas suas paginas essa ou aquela orientação partidária. Não é justo nem seria possível. [...].Mas – chegou a vez do mas... –, isso não quer dizer que marquemos a nossa posição aqui através daquilo que se convencionou chamar neutralidade. Não somos neutros. Mesmo porque não acreditamos em tal, achando, ao contrario que os homens, nesse como em outros terrenos (principalmente nesse...), sempre se decidem por alguma solução. Queremos apenas – isto sim – separar, mais exatamente, distinguir, uma coisa da outra: a Política do cru partidarismo. Não somos neutros, dizíamos, porque desejamos nesta secção, que é tão livre como as demais, ressaltar os problemas diante dos quais estamos irremediavelmente colocados e, sempre que possível, optar por soluções justas, a critério, é claro, de cada colaborador. (Barroso, Medeiros e Bezerra, 1946, p.37).

Como se pode perceber, noções que permearam o convívio social dos escritores envolvidos na produção da revista, desde seus anos de juventude, marcam presença no trecho acima, seja de forma explícita, como é o caso do imperativo referente à conciliação dos “opostos”, seja de modo tácito, como a ideia de mérito intelectual, ou a suposição da existência de problemas comuns à totalidade do universo dos escritores cearenses.

Para além desses elementos, o próprio gesto de publicar o periódico, simbolicamente,

expressa a crença compartilhada em doses diversas, mas significativamente comum entre esses homens, em sua “provinciana” condição/distinção de “classe intelectual” e na possibilidade de contornar essas circunstâncias por meio da conciliação e da tolerância frente à alteridade. De certo modo, trata-se também de uma espécie de superação restrita daquele sentimento de condescendência ante as condições locais, uma chave de interpretação da realidade cujos limites, com efeito, nunca foram totalmente suplantados. Tanto que é possível encontrá-la na Revista *CLÁ* de nº1, em uma explicação anônima, referente à mudança de direção que o periódico sofrera. Na ocasião, justificou-se o ocorrido argumentando que a empreitada dos elaboradores da edição de nº 0, ainda que tenha obtido “alguma repercussão [...] morreu, naturalmente, como tudo que é bom tem morrido no Ceará” (Esta revista, 1948, p.77).

O projeto que embasa a publicação das revistas *CLÁ* implicou a transformação dos princípios, afetivos e ideológicos descritos até aqui, em ação prática. Nesse sentido, a dinâmica do coletivo cuja forma, diga-se de passagem, nunca esteve totalmente marcada pela falta de organicidade e liderança, passa a se caracterizar de forma assertiva pela metodologia de trabalho que envolve a direção e a produção de um periódico.

Em inícios da década de 1980, os escritores que conduziam a revista elaboram uma edição (1981) dedicada à rememoração de sua gênese. É nessa fase que a noção de “espontaneidade” encontra seu lugar em meio ao conjunto de argumentos que dão forma a identidade do coletivo. É curioso que, quase ao fim de um longo trabalho editorial, marcado pelos rigores, pela racionalidade e pela própria logística que envolve a produção e distribuição de um periódico, tenha-se preferido estabelecer a memória coletiva do grupo por meio de elementos informais, difusos, sentimentais, próprios de uma sociabilidade efêmera que tende a se perder, no tempo, como lágrimas na chuva.

## **Conclusão**

A rede intelectual analisada se organizou em torno de uma sensibilidade ideológica comum que extravasou o âmbito de seu convívio informal e que acabou estampada nas páginas de um periódico literário e cultural cuja materialidade aglutinou simbolicamente um feixe de experiências em comum, compondo uma identidade prática que impulsionou determinado projeto estético-social bastante longínquo para os padrões desse tipo de publicação. Nesse sentido, os impressos funcionaram como lócus de consolidação de sensibilidades e de relações afetivas, ao mesmo tempo em que configuraram espaço de fermentação intelectual e de estabelecimento de uma “política cultural” (Urfalino, in Sirinelli & Rioux, p.1998) que não se vincula, a priori, ao aparelho de Estado, mas levada a cabo por um dos diversos grupos sociais que constituem a sociedade.

Longe de compor bloco uno e homogêneo, a identidade coletiva emergente no projeto editorial dessa revista cuja forma, a despeito do que afirmam as autonarrativas do coletivo, esteve caracterizada durante os anos de juventude, tanto pela convivência das relações informais, como pela sistematicidade de congressos e organizações literárias, se caracterizava por elementos tácitos e explícitos sempre cambiantes, os quais compunham

mosaico fluido o bastante, para que sujeitos históricos alinhados a diferentes linhas ideológicas pudessem se identificar com aspectos distintos de seu todo e assim, encontrar coesão face ao restante grupo.

Um aspecto a se salientar em relação à experiência intelectual dos integrantes do agrupamento estudado é que, embora sua atuação não tenha alcançado elevados patamares no que diz respeito à visibilidade de suas obras, suas atividades os situam plenamente como protagonistas de sua própria história. Nesse sentido, diferentemente do que o senso comum muitas vezes estabelece, esses intelectuais não se resumiram a representar aspectos do mundo à sua volta, configurando-se como participantes ativos da vida política brasileira, propuseram intervenções por meio de seus discursos, de suas organizações, e de seus escritos.

## **Bibliografia**

- Aderaldo, M. S. (1987) *Livros e idéias: crítica e ensaio*. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto.
- Anais do I Congresso Cearense de escritores*. (1947). Fortaleza: Edições CLÃ.
- Azevedo, S. (1946) *Literatura cearense*. Fortaleza, Publicação da Academia Cearense de Letras.
- Barroso, G. A., Rogério, S., Souza, S. (1926) “Esse tal de Grupo CLÃ”, in *Revista CLÃ*, n. 27. Ano XXXIII.
- Barroso, G. A., Medeiros E B. (1946) “Política”, in *Revista CLÃ*, n. 0. Ano I.
- Barroso, O. et. al. (1996) *Roteiro sentimental de fortaleza – Depoimentos de História Oral de Moreira Campos, Antonio Girão Baroso e José Maia*. Fortaleza: UFC – NUDOC/SECULT-CE.
- Campos, E. (1983) As Atividades do CEC, in *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, UFC.
- Campos, E. (1996) “Fran Martins, o inspirador decifrador de ruas”, in: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, UFC.
- Cardoso, G. (2002) *Padaria espiritual. Biscoito fino e travoso*. 1ª. ed. Fortaleza: secretaria de cultura e desporto do ceará, v. 1000.
- “Esta Revista” (1948), in *Revista CLÃ*, Fortaleza. n. 1. Ano I.
- Farias, M. A. A. (2003) *Edições e Seduções: Revista CLÃ (1946-1957)*. Dissertação de Mestrado, Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- Girão, R.; Souza, M. C. (1987) *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará.
- Hall, S. (2006) *Identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Linhares, F. D. B. (2018) *Escritores, congressos e meio intelectual em Fortaleza (1942-1946)* Dissertação de Mestrado, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará.
- Luca, T. R. (2003) “História dos, nos e por meio dos periódicos”, in Pinsky, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto.

- Martinez, A. T. (2013) “*Intelectuales de provincia*”: entre lo local y lo periférico, in *Prismas, Revista de historia intelectual*, N° 17.
- Montenegro, B. (1957) “Resumo da história literária cearense”, in *Revista CLÁ*, n. 16. Ano VII, p. 47-56.
- Muniz, A. C.; et. al. (2004) “Estado Novo e colaboracionismo estudantil na manutenção da ordem social e política de Fortaleza”, in Francisco A. L. G.; Francisco J. G.D.; Silva, M. A. F. (Org.) *Outras histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeito(s)*. 1ªed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 01-190.
- Oliveira, A. L. (2002) *Universo letrado em fortaleza*, in Souza, S.; Neves, F. C. N. (Org.). *Intelectuais*. Fortaleza: Fundação Demócrito rocha, p. 15-40.
- Pécaut, D. (1990) *Os intelectuais e a política no Brasil: Entre o povo e a nação*. São Paulo, Ática.
- Ramalho, B. (1999) “*O Centro Estudantal Cearense*”, in *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, UFC.
- Sirinelli, J.F. (1997) “*As Elites Culturais*”, in Rioux, J.P.; Sirinelli, J. F. (Org.). *Para uma história cultural*. Lisboa. Editorial Estampa.
- Sirinelli, J. F. (2003) “*Os intelectuais*”, in Rémond, R. (Org.) *Para uma história política*. Rio de Janeiro, FGV Editora.
- Urfalino, P. (1997) “*A História da Política Cultural*”, in Rioux, J. P.; Sirinelli, J. F. (Org.). *Para uma história cultural*. Lisboa. Editorial Estampa.
- Williams, R. (1962) *The Long Revolution*. Londres, Penguin.
- Williams, R. (1979) *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- Williams, R. (2011) *O Círculo de Bloomsbury*, in Williams, R. *Cultura e Materialismo*. São Paulo, UNESP.